

EDWARD EVANS-PRICHARD E A RELIGIÃO

MELO, Luana Francisca das Neves*

OLIVEIRA, Patrícia Fabiana de**

Resumo: O texto é um exercício dissertativo proposto na disciplina de Sociologia da Religião e pretende apresentar as principais reflexões Evans-Prichard sobre o fenômeno religioso e seus componentes destacando seus trabalhos de campo entre os Azandes e os Nuer na África. Prichard também é um dos mais importantes conhecedores dos indivíduos sudaneses do Sul africano, localizados no Nilo, ocupando, um lugar fundamental na história do africanismo e da Antropologia política.

Palavras-chave: Religião; Evans-Prichard; Bruxaria.

Evans-Prichard e a religião

Edward Evans-Prichard (1902-1973) foi um antropólogo britânico de grande importância para o desenvolvimento da Antropologia do séc. XX. Realizou em 1937 uma pesquisa de campo com os Azandes dando origem a uma de suas obras mais reconhecidas: *Bruxaria, oráculo e magia entre os Azandes*, onde fez desta sua tese de doutorado. O etnógrafo realizou vários trabalhos nas mais diversas sociedades, defendendo sempre a pesquisa de campo como um dos suportes para o saber antropológico, vendo como ofício do antropólogo a tradução dos valores culturais, e a utilização da comparação, pois não acredita na existência de uma teoria antropológica independente ou anterior a pesquisa empírica.

Evans-Prichard constitui sua etnografia alicerçada a uma antropologia do “bom senso”, onde considera que os outros são

* Egressa do curso de licenciatura em Ciências Sociais (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: luana14neves@hotmail.com.

** Egressa do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: patysume17@hotmail.com.

diferentes, mas que não tão diferentes de nós. Existem nas sociedades primitivas diferentes formas de funcionamento que são avessas as nossas instituições, mas seus sistemas políticos e rituais não promovem em si a exclusão da utilização da experiência, ou do senso comum. Atento a todas as teorias antropológicas de seu tempo Prichard é contra a tradição antropológica do séc. XIX, em que denominam os selvagens e primitivos como seres extravagantes e supersticiosos, particularmente em relação ao aspecto religioso. O antropólogo quer desconstruir esta noção de que as crenças destes outros povos são coisas secretas e estranhas e demonstrar que assim como nós estes em seu dia a dia recorrem ao bom senso empírico para solucionar seus problemas de forma prática. Esta antropologia do bom senso e a antropologia reflexiva trouxeram muitas contribuições para os estudos das religiões.

A etnografia religiosa do autor está contida em dois diferentes terrenos: os Azandes e os Nuer, populações da África sul-sudanesa que exprimem consideráveis irregularidades tanto no plano da organização social e política, quanto no plano da religiosidade. Assim, podemos salientar que a “Antropologia religiosa de Evans-Prichard está antes de tudo muito atenta ao que depende da existência espiritual indígena e ao que testemunha formas das mais variadas de religiosidade” (MARY, 2015, p.65).

As religiões africanas não possuem essência, são todas constituídas a partir de um conjunto de crenças e práticas utilizadas para conter seus perigos e justificar as causas de doenças e desgraças. A bruxaria para os Azandes é algo natural, utilizado como um sistema de valores para controlar o comportamento de seu povo, para dada população a bruxaria é algo comum, capaz de explicar os acontecimentos e os fenômenos decorrentes em nosso cotidiano. Já a religião dos Nuer é dominada pelo espírito, único e variado ao mesmo tempo, pela qual os indivíduos possuem uma relação de piedade e submissão moral.

Segundo Evans-Prichard tratando sobre bruxaria, oráculo e magia estes três elementos formam um sistema harmônico, onde um explica o outro, mas o etnólogo apresenta a bruxaria como a principal categoria na antropologia africanista. Levando em consideração que a bruxaria não possui existência real, para o antropólogo antes de tudo existe noções místicas, onde aqueles indivíduos que se encontram de alguma forma em desgraças, pensam estarem enfeitiçadas, ou são assim denominadas por terceiros. Para o antropólogo o indivíduo que é hipoteticamente considerado bruxo, ou é julgado bruxo, na maioria das vezes não sabe que enfeitiçou o outro, mas por todos acreditarem ele o toma por verdade, pois na cultura zande a bruxaria é um fato tão normal e universal que qualquer homem pode-se considerar bruxo: “Cada um pode descobrir-se bruxo, uma vez que os outros o são, mas ninguém assumiria o risco de proclamar-se bruxo” (MARY, 2015, p.69). Para os Azandes a bruxaria elucida as situações particulares e variáveis de um evento, notando-se, porém que a crença na bruxaria não faz com que o indivíduo seja contrário ao conhecimento empírico.

Outro fator importante na bruxaria para este povo é que a mesma não está relacionada ao direito ou a moral, o indivíduo que a utilizasse como justificativa de seu comportamento social e moral ligeiramente seriam descobertos. O descumprimento de uma regra e a bruxaria são dois campos de explicações e de revelações totalmente diferentes, o que se encontra na maioria dos casos de bruxaria está ligado a um sentido de vingança, de ameaça de constrangimento ou de dívida, e não de justiça. Em nossa sociedade a bruxaria se explica através da mídia como algo maléfico realizada por indivíduos marginais e perigosos, já na sociedade zande e diversas outras sociedades africanas ela é denominada como um fator natural explicativo das desgraças decorrentes.

De acordo com as categorias dos Azande o etnólogo traçou uma diferenciação entre a bruxaria e a magia, diferenciação que adquiriu na

Antropologia Anglo-Saxã um valor paradigmático e quase operatório. A bruxaria e a magia segundo o autor possuem diferentes significados que devem ser identificadas através da etnologia, existem, porém, algumas semelhanças entre elas, onde podem exercer até algumas funções comuns, mas seu grande diferencial encontra-se em sua técnica e em sua existência social. O bruxo está associado ao indivíduo maléfico que age através do deslocamento de sua alma, com o objetivo de destruir a substância vital dos demais e retirar sua força e sua vida. Já o mágico ao contrário é socialmente reconhecido e sua técnica se constitui através do conhecimento de remédios e na realização dos ritos.

A preocupação de Prichard não é em explicar a bruxaria, os oráculos e a magia como tipos ideais de comportamento, mas apenas demonstrar o que os Azandes compreendem sobre eles. Mas diante disto, surge um problema onde o autor foi o primeiro a reconhecer que suas objeções específicas apontadas sobre os Azandes, estavam submetidas à verificação, e que mesmo nas sociedades africanas elas não se compõem da mesma forma, possuindo diferentes totens.

As contradições do sistema de bruxaria

Distintamente é através da bruxaria que se explicam os acontecimentos comuns do dia a dia, bem como os fenômenos através de uma maneira simples. O sistema de bruxaria é um tema bastante flexível e de aspectos duvidosos, pois a figura do bruxo tem vários sentidos, pois ela é invocada e não prevista pelos oráculos, logo “[...] é preciso distinguir sempre o que é verdadeiro em teoria e o que é comprovado na prática” (MARY, 2015, p.75), indo então de encontro com a lógica dos costumes e se deparando com a responsabilidade da bruxaria por seus atos. Os bruxos em geral são conscientes de suas maldades e seus atos, mas todo acusado de bruxaria afirma que ignorava seu poder de bruxo.

Em princípio a bruxaria é mais vista como hereditária e todos os membros de um clã podem ser bruxos, bem como um estranho

também o pode. Para compreender melhor essa confusão de identidade da bruxaria é preciso levar em conta seu estabelecimento numa teoria da pessoa e toda uma psicologia das relações sociais. Podemos entender que a bruxaria atua como força e função conservadora de forma a lidar com as inquietudes garantindo a manutenção do equilíbrio na estrutura social. Nas relações sociais o ato de bruxaria é próprio dos indivíduos fora das normas, sendo que, a força da bruxaria é tida também como impulso do êxito social, pois os Azandes veem na bruxaria uma forma de explicação para os acontecimentos.

Um bruxo não fará mal as pessoas pelo simples fato de ser bruxo, pois essa força não é boa nem má e pode fazer do bruxo um ser humano perfeito e realizado como também um ser antissocial. Essa mesma crença na bruxaria serve como normas que regulam a conduta daquele povo, a ideia de que a inveja pode ser causadora de diversos males também é presente em várias culturas mundo afora, que se assemelham a cultura zande, aqui no Brasil temos o chamado olho gordo, mau olhado, agouro entre outros, também encontramos carrancas, ou amuletos que visam barrar essas más energias causadoras de infortúnios.

Na sociedade Azandes a bruxaria é algo rotineiro, o que para nós é coincidência para eles é bruxaria. O bruxo só é tido como bruxo em certas situações, que podem ser passageiras ou não e quando a situação desaparece (é esquecida) desaparece a acusação. Um indivíduo caminhando tropeça num tronco ou pedra e aquele ferimento infecciona já assimila o fato à bruxaria de um desafeto seu, passando a descartar as causas naturais dos acontecimentos, ou seja, para os Azandes nada é por acaso, mas consequência de um ato de bruxaria.

A bruxaria envolve toda a vida destes povos, tanto nas relações sociais estabelecidas, como também nas relações cotidianas entre grupos e os próprios clãs. “Os Azandes se interessam pela dinâmica da bruxaria em situações particulares” (MARY, 2015, p.77), pois a bruxaria está em

todos os lugares na vida diária dos Azandes. Se acontecer um determinado infortúnio, eles provavelmente vão dizer que foi bruxaria e tal ligação com ela só será desconceituada à medida que o oráculo de veneno não confirme o fato como obra de bruxaria, mas sim como causa de outra sentença, a feitiçaria por exemplo.

Contrária à magia dos Azandes no mundo dos Nuer se fundamenta a teologia que predomina o nome Kwoth (termo genérico que também pode receber outros nomes) para eles é o espírito, o Deus, o criador, o pai. A religião Nuer é uma religião sem ritos, sem magia e sem bruxaria e sua relação com os espíritos é altamente complexa pode ter mais de um sentido ou significado ou então valores de sentidos opostos ou não, confrontados com as relações individuais. As questões de bruxaria são menores e, sobretudo o peso do ritualismo e do respeito pelos interditos nada tem de obsessivo. “Um Nuer não passa todo o seu tempo rezando a Deus, não mais que um Azande que faz apelo aos bruxos para explicar tudo o que lhe acontece” (MARY, 2015, p.81). É uma religião do espírito e da relação íntima e pessoal com o Deus pela oração.

Existe um número muito grande de espíritos no mundo dos Nuer, com destaque para duas categorias: os espíritos do alto (do ar ou do céu), e os espíritos daqui de baixo (da terra), isso não impede os espíritos do ar serem grandes e os de baixo pequenos. Existe por outro lado os espíritos intermediários que estão entre os do alto e os de baixo são os espíritos totêmicos, eles estão em vínculos com os clãs e as linhagens, antigamente eram pessoas que foram capturadas pelo espírito e que perderam seu nome e sua identidade, estes eram ligados à guarda dos rebanhos. Em si mesmos estes espíritos não são bons nem maus, se manifestam de modo maléfico por acidentes, doenças ou loucura, quando são negligenciados, ignorados ou quando as pessoas se esquecem de responder as suas demandas sacrificiais. As relações espirituais e simbólicas que os humanos mantêm com esses espíritos engajam a questão de sua individualidade. “A mais importante manifestação dos

espíritos é a possessão das pessoas, comprovada pela doença ou transtorno de personalidade [...]” (MARY, 2015, p. 83), nesses casos para buscar a solução e a paz é preciso intervir pela domesticação do espírito e por uma relação contratual fundada em sacrifícios aos profetas que colocam seu poder místico a serviço da coletividade através da troca.

Para os Nuer, os gêmeos são vistos como pessoas ou aves e eles utilizam métodos que à primeira vista parecem contraditórios. Pritchard insere uma problemática acerca das relações do pensamento Nuer, que une certas classes de homens com certas classes de animais, sendo esta uma questão onipresente nestes povos, como também em muitas sociedades africanas, para explicar a relação totêmica com esse ou aquele animal. Para estes indivíduos os gêmeos, são manifestações de poder espiritual, são em primeiro lugar “filhos de Deus” também podem ser chamados de “pessoas do alto”. Contrastam-se com os seres humanos comuns, que são considerados pessoas de baixo, já que os pássaros se definem serem do alto, os gêmeos se identificam com eles, visto que algumas espécies de aves são consideradas do alto, mas não voam, no entanto, podem dividir-se segundo o alto e o baixo. Pritchard faz uma relação representativa entre o símbolo e a coisa simbolizada, ideia essa cuja lição é preservada por Lévi-Strauss de instaurar um sistema de correspondências entre os humanos e os espíritos por intermédio das espécies. Assim se compreende por que os gêmeos recebem nomes de aves terrestres.

Enfim, é preciso notar que as permutações dessa mudança de sistema só adquirem sentido quanto à relação a um terceiro e ao ponto de vista que engloba Deus. É uma lição sobre os dualismos assimétricos e hierárquicos que será retida por um dos grandes admiradores de Evans-Pritchard, Louis Dumont (MARY, 2015, p.86).

Os profetas para os povos Nuer são mais fáceis de compreender pois são agentes mediadores na regulação dos conflitos através dos

espíritos, e trata-se de um homem que está incorporando um espírito do céu ou um dos deuses, eles são muito respeitados e são seguidos, mas Pritchard declara não ter encontrado de fato nenhum profeta, apenas fez interpretações a partir de relatos coloniais. Para um antropólogo que considera de suma importância conhecer as representações pessoais e as experiências de cada um para entender a atividade religiosa dos indivíduos, lamentavelmente Pritchard não conseguiu esse experimento através do profetismo, porém a sua análise foi efetivada neste campo apenas pela lógica coletiva e através das estruturas sociais, mudando o sentido de sua pesquisa antropológica religiosa para uma antropologia política.

D. H. Johnson (1997) é outro antropólogo que prestou bastante relevância aos estudos proféticos da tradição Nuer, considerando que o profetismo Nuer é um dos pontos principais da organização religiosa, social e política deste grupo. Para este autor os profetas funcionam como indivíduos mediadores e construtores de paz.

O profetismo Nuer é sem dúvida um fenômeno novo que emergiu por volta do século XIX, consequência das mudanças importantes que aconteceram na economia e na ecologia dessas sociedades pastoris sujeitas às flutuações das inundações do Nilo (MARY, 2015, p. 88).

Já para Pritchard os profetas representam a particularidade de uma sociedade que não raciocina, não tem autoridade política e não tem lei, onde o que predomina são os entendimentos das simbologias implícitos aos rituais, fazendo com que a vida social caminhe a partir de um movimento dialético, que envolva a estrutura e antiestrutura, alimentadas pelas práticas rituais.

Referencia

MARY, André. **Os antropólogos e a religião**. São Paulo-SP: Ideias & letras, 2015